

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA *PRAGMA*

RACHEL GAZOLLA DE ANDRADE

**Resumo:** Pretende-se investigar as raízes semânticas da palavra *pragma*, buscando-as na antigüidade grega, tendo por objetivo obter, deste período da história, eventuais subsídios que possam colaborar na melhor compreensão do sentido próprio ao termo *pragmatismo*.

**Abstract:** It is intended to investigate the semantic roots of the word *pragma*, searching them in the Greek antiquity, aiming to obtain eventual subsidy from this history period which might cooperate for better comprehension of the proper meaning of the term *pragmatism*.

## 1. O QUE VEM A SER PRAGMATISMO PARA UM LEIGO?

Se tivermos a curiosidade de buscar no dicionário da língua portuguesa a palavra pragmatismo, encontraremos que é uma filosofia de C. S. Peirce "...cuja tese fundamental é que a idéia que temos de um objeto qualquer nada mais é senão a soma das idéias de todos os efeitos imagináveis atribuídos por nós a esse objeto, que possam ter um efeito prático qualquer; que uma proposição é algo referido totalmente à experiência interior humana e o conhecimento deve ser um instrumento a serviço da ação". No entanto, dizem meus colegas não leigos, que essa definição não faz jus à filosofia de C. S. Peirce. Sendo minha área de investigação a filosofia grega antiga, marginalizo os meandros teóricos dessa frase – que não me cabe discutir aqui – e penso na palavra pragmatismo como uma corrente reflexiva que priorizou o *pragmatikós* e o *pragma*, ou seja, focalizou prioritariamente aquilo que concerne ao agir e ao efeito do agir, o ato. Não é desinteressante buscar as raízes dessas

---

Rachel Gazolla de Andrade é Professora Doutora do Departamento de Filosofia da PUC-SP.

palavras gregas para verificarmos o que mudou e o que se conservou da origem aos dias atuais. Compreender a gênese é compreender parte do que somos.

Se um pensamento privilegia o agir e seus efeitos práticos, sem poder deixar de ser uma atividade teórica, como o é toda filosofia, deve explicitar com clareza o que compreende por pragmático, significação que se relaciona imediatamente com a *práxis* humana. Ora, a filosofia como atividade do pensar é teórica, é contemplativa; não pode ser teórica e prática de uma só vez, mas pode interpretar, argumentar, expor em proposições inteligíveis, o modo do homem ser no mundo como teórico-prático. Mesmo quando, dialeticamente, se diz que o que se pensa depende de como se age e o agir se determina a partir do que se pensa, isso é uma interpretação. Apesar de saber que deve haver discordância sobre essa minha afirmação, penso que o agir do homem é pertinente ao que ele mesmo estabeleceu como seu campo prático, quer saiba ou não com clareza sobre isso, e o grego antigo denomina esse campo com um feixe de palavras: *prásson* (cumprir, trabalhar), *práxis* (a ação de *prásson*), *pragma* (a ação feita), *pragmatikós* (o que concerne ao *pragma*), *pratteîn* (fazer).

Voltando, agora, à definição dada pelo dicionário sobre 'pragmatismo', cabe perguntar se a experiência do conhecer humano é primariamente interior a nós que a interpretamos, e, em se afirmando isso, se tal postura alcançaria a finalidade de instrumentalizar o conhecer para efetivação da nossa prática. É isto, ao menos, o que está implicado na frase definitiva citada acima. Ora, é evidente que a problemática permeada nos conceitos dessa afirmação é complexa, e talvez o peso do chamado pragmatismo esteja mais na questão da instrumentalização do que na de *pragma*. No caso específico do pensamento grego antigo, a questão dos efeitos práticos previstos por um certo modo de pensar (qualquer que seja o peso dado ao interior na formação das proposições e de sua fundamentação para a prática) também emergiu, porém dentro de um panorama mais largo e sem o peso da instrumentalização do pensar, como hoje compreendemos. Em linhas gerais, pretendo mostrar o sentido da palavra *pragma* e de alguns outros significados que a ela convergem ou dela divergem, o que talvez venha a trazer algum benefício aos que refletem sobre a filosofia pragmática. Não se deve esquecer, porém, que a filosofia grega não pensou o homem e as coisas com o distanciamento que hoje pensamos quando falamos sobre as coisas que nos tocam e dizemos 'objetos', palavra que não existe na língua grega antiga (e nem a palavra 'sujeito'): fala-se das coisas que são, e estas podem ser conhecidas só e somente só devido ao

modo como são e ao modo como nós mesmos somos e podemos conhecê-las, total ou parcialmente. Agir, pensar e ser estão em consonância no pensamento antigo, de modo que não há o ângulo moderno do par sujeito-objeto. As coisas e os homens têm sua constituição própria, segundo a *phýsis* (natureza), e o conhecimento humano está em recolher e interpretar esse modo de ser porque assim é esse ser, o homem, e ao interpretar procura-se abranger, na medida do possível, a comunidade entre o que é, o que se diz sobre o que é, o que se conhece dele e de nós mesmos. As divergências entre as filosofias dessa época, adivinha-se, estão, em parte, exatamente na questão “medida do possível”, ou seja, possível a mesmidade entre ser, dizer, pensar para uns, impossível para alguns, relativamente possível para outros.

## 2. AGIR E FAZER

Dito isso, a língua grega estatuiu *pragma* como um substantivo derivado do verbo *práссо*, dele nascendo também o verbo *pratteîn*, agir, fazer. O que se apanha nos textos gregos é que *práxis* é a ação no sentido mais amplo, o agir simplesmente, e *pragma* é o resultado de uma ação. Os sufixos “is” e “ma” acompanham muitas palavras, como é o caso do extenso campo do verbo *poieîn*, que também é agir, fazer, mas no sentido de fabricar, daí *poiesis* como agir fabricante, e *poema* como efeito dessa fabricação. Ora, a Grécia pensou o agir desdobrado, então, em dois eixos que, por vezes, coincidem: age-se no sentido mais amplo do ir e vir ou, mais especificamente, criando-se coisas, produtos. O verbo *poieîn* determina a instância da criação de artefatos, nomeada *téchnē* (técnica ou arte) e traduzida pelo latim por *ars* (arte). O processo de fabricar, esse agir processual, é *téchnē*.

Já o campo da *práxis* é bem mais amplo que o *poieîn*, abarca-o, e as ações, tomadas em sentido amplo, formam o *éthos* dos homens. Desse *éthos*, a técnica tem sua parcela e seu limite como processo produtivo. *Éthos*, como se sabe, é a instância propriamente humana da construção dos valores, fonte dos costumes e normas, e se explicita a partir de três atividades fundamentais humanas: o teorizar, o fabricar, o agir. Diz-se sobre o campo do *poieîn* que, implicando nele a técnica, é criativo. É *téchnē* a criação de uma escultura, de um poema, de um sapato, de uma lei, de um remédio. Aquele que cria é nomeado *téchnikós* (demiurgo, artesão, técnico). Assim, dado que *práxis* é ação humana formadora do *éthos*, segue-se que *tá prágmata* são as coisas advindas das ações, e *poiesis*, a próprio ato da fabricação.

Quanto à *theoría*, do verbo *theoreîn*, trata-se da ação contemplativa, do ver com pensamento, do ver de modo amplo, de modo a refletir sobre o conjunto do que vê e dizê-lo. A língua grega não relacionou imediatamente essa atividade de ver o conjunto com os verbos *práссо* e *poieîn*. Por exemplo, sendo Zeus o deus de larga visão, também o homem teórico tem a larga visão, a teoria que o aproxima do divino, pois que é nessa atitude que ele relaciona e considera o que se dá a contemplar como multiplicidade e transforma qualitativamente tal multiplicidade em unidade. A teoria não incide diretamente na prática mas indiretamente, informando-a sobre o que a transcende, tendo dela saído enquanto multiplicidade para depois transcendê-la pela unidade. Pode-se dizer que para os pensadores gregos não há ação a ser executada que não tenha um fundamento teórico, quer se saiba desse fundamento, quer não. Somente as ações ditas impetuosas, a dos loucos, dos ignorantes e dos desmesurados podem efetuar-se sem a teoria – sem a reflexão que recai num conjunto – necessária para qualquer deliberação para o agir ou para o produzir. Assim pensaram os gregos antigos a *theoría*, essa visão da alma que considera, reflete, relaciona, separa-se da *empeiria* para melhor recolhê-la e compreendê-la, voltando, então, a ela melhor esclarecido.

Não há grandes novidades nessas colocações. No entanto, há diferentes interpretações quanto ao valor que se dá ao teórico, ao prático, ao poético/técnico. No que respeita à *práxis* e à *téchne*, há algo que merece cuidado: sendo modos de agir que dependem da consideração de conjuntos, necessitam da teoria: a *práxis* como ação pensada, e a *téchne* como processo pensado. Ambas estão voltadas às ocupações dos homens na sua vida com outros homens, quer para a sobrevivência, quer para os assuntos posteriores à sobrevivência que incluem a atividade fabricadora. Esta, enquanto parte da *práxis*, preocupa-se com tudo o que vem a ser criado em função das necessidades úteis dos homens, enquanto que a *práxis* é a ação de ir e vir pressuposta nas relações humanas: ir à assembléia, ao mercado, á *ágora* ou ao templo. Por isso foi dito que o *éthos* se estrutura nas e pelas ações e seus valores.

No entanto, quando o homem crê necessitar de algo e o produz, o posterior uso do produto não pode mais dispensado; uma necessidade nova passa a fazer parte de sua vida, passa a ser um valor que não deve ser perdido, e novas necessidades se acumularão nesse processo, de modo que, novamente o homem teorizará, agirá para produzir, usará o produto na vida em comum, e necessitará de outros, sucessivamente. Esse movimento – já exposto pelo bom discípulo de Hegel, K. Marx, de modo claro em

nossos tempos – está nos textos dos pensadores gregos quando buscam teorizar sobre a ação prática (que nomeamos ético-políticas) e a ação técnica imbricadas, ambas, na formação e transformação dos valores do *éthos*.

Chegando a esse ponto, já se pode voltar à palavra *pragma*. Como ela se acomoda nesses dois eixos do agir?

### 3. PRAGMA

*Pragma* significa ato, como foi dito. No entanto, é absolutamente espantoso que tal palavra não apareça nos textos míticos de Homero e Hesíodo, ou seja, não nasce no período das fratrias. Sua incidência emerge nos textos produzidos nas *póleis* – do século VI a.C. em diante. Esse fato é marcante. Quando o homem funda o sistema de sobrevivência a que chamou *pólis*, que o obriga a discutir, calcular, decidir, ocupar-se de sua própria sobrevivência em outra perspectiva que não aquela estruturada pelas comunidades familiares, os *géné*, é exatamente nesse momento que começam a incidir nos textos a palavra *pragma* e alguns de seus derivados como *pragmatikós*, *pragmatikôs* e *pragmatéia*. Suas ocorrências surgem quando os homens falam de seus problemas imediatos exigentes de soluções ainda desconhecidas e das tarefas que cumprem objetivando algo.

Se os textos mítico-poéticos dispensaram tais significados – talvez por terem sido gerados em um tipo de sociedade fixa nas suas regras, ‘fechada’ na sua economia e, fundamentalmente para esse assunto, prevista nos seus negócios, nas suas práticas “ético-políticas” – os textos filosóficos, nascidos nas *póleis*, não puderam dispensá-los. O mundo das cidades é exigente de soluções novas, pois a ele se apresentam problemas novos. A mentalidade grega saída do universo arcaico teve que praticar, da melhor forma possível, sua forma de viver e criou um novo *éthos* em tensão com o *éthos* anterior das fratrias. A Filosofia, nascida na *pólis*, explicita uma postura teórica relacionada às novas ocorrências ético-políticas e produtivas consideradas como um largo conjunto, e será uma reflexão que sinalizará as perguntas possíveis que permeiam essa recém-nascida sociedade ‘aberta’. Esse novo pensar e dizer terá nas mãos o saber do técnico, do homem grego no seu ir e vir, e do filósofo como aquele que descobre o poder do *lógos*<sup>1</sup> e sua maleabilidade.

---

1. *Lógos* é uma palavra de difícil tradução: significa recolhimento do que se dá a recolher, argumento, discurso, racionalidade.

Nesse novo *éthos* das cidades, que não pode prescindir de outros ângulos para os negócios, para as leis, para as edificações de seus templos e casas – o que pressupõe uma outra visão do espaço e tempo do viver – a palavra *pragma* surge muito forte: ela é a obra, a tarefa útil, necessária; *pragmatikós* é o que diz respeito ao agir eficiente, deve resultar no ato útil, esperado; *pragmatikós* é aquele homem que, dominando um tipo de ação de modo eficaz é um *praktikós* (hábil no fazer), consegue o ato finalizador esperado. Tais significações presentificam-se nos textos, na maior parte das vezes, envolvendo o fazer como ocupação, indicando uma habilidade que parece necessária ao *modus vivendi* das cidades. Espera-se das ações sua eficácia porque muitas delas provêm da busca anterior de soluções de problemas nunca antes experimentados pelos novos cidadãos. Não é sem razão, portanto, que a palavra *pragmatéia* é cunhada só nessa época clássica: é o saber, ou o estudo, sobre a obra, sobre o que é feito, sobre o *pragma*.

Pelos textos filosóficos sabe-se que as soluções e ações referem-se, em geral, aos negócios da cidade, como é o caso da atividade jurídica, dos contratos comerciais, dos discursos em assembléia, das construções arquitetônicas, das receitas médicas, das invenções. Se é preciso fazer um edifício ou um navio, isto é um assunto técnico-pragmático – ou seja, o fazer processual com resultado útil. Se é preciso modificar ou criar leis, comerciar com os estrangeiros, resolver questões através de discussões públicas, fabricar discursos bem estruturados, isto é um assunto técnico-pragmático.

Para melhor compreensão do exposto, cito como exemplo apenas alguns textos de Platão, um filósofo que pensou claramente as atividades teórica, prática e fabricadora. Diga-se de passagem que há pouca incidência dessas expressões nos chamados pré-socráticos (alguns usos esparsos são encontrados em Demócrito, Heráclito e Filolau). Nos séculos V e IV a.C, nos sofistas e em Platão, seu uso é maior, o que já fala por si.

Ao considerar as obras dos artesãos, Platão utiliza, no *Górgias*, a palavra *pragma* no sentido de obra, construção, ato cumprido. Nesse diálogo, cuja reflexão é, fundamentalmente, sobre a técnica e o *pragma* (504a, 512c, 517c, 519d, respectivamente) ele diz em algumas passagens que transcrevo parcialmente:

... tu verás com que ordem rigorosa cada um dispõe dos diversos elementos em sua obra (prágma) ...

... se o construtor ... quiser engrandecer sua obra (prágma) ...

... mas, fizemos obra (pragma) de ridículos, eu e tu, nesses nossos argumentos (lógoi) ...

... Pode haver construção (pragma) mais ilógica que estas palavras? ...

Ainda no *Górgias*, sobre a Retórica, que para o filósofo é uma *téchne*, um processo para a criação de um produto útil, ele diz (453a):

... tu me parecest ter determinado, ó Górgias ... que técnica vem a ser para ti a retórica, e se compreendi bem é uma edificação (pragmatéia) ...

Se *pragma* tem tal sentido, como aparecem *práxis* e *poiésis* nos textos que são, a esse respeito, numerosos? Vejamos alguns poucos, pois dentro dos limites desta palestra, apenas me cabe apontar um direcionamento do problema. No *Ménon*, Platão diz sobre a ação excelente (79c) e sobre o aprendizado da geometria – que exercitara com um escravo que havia mostrado já saber sobre coisas que nunca antes aprendera (85e):

...O que é a excelência, caro Ménon, se toda ação (práxis) é excelente se acompanhada de parte da excelência?...; Ele (o escravo) teve, por acaso, um mestre em geometria? Pois ele produzirá (poiései) geometria e mesmo todas os outros aprendizados do mesmo modo como reencontro...

E respectivamente, no *Górgias*, sobre a técnica retórica, e no *Fedro* (278e), sobre o lugar que a produção dos poetas, dos oradores e legisladores ocupa, bem como sobre o nome que se daria a essas atividades, Platão dirá:

...É que, Sócrates, a habilidade nas outras técnicas concerne ao trabalho manual e ações (práxeis), enquanto que na retórica não há o manual mas é inteira ação (práxis) e eficácia através do lógos...

...E tu (diz Fedro a Sócrates), como tu o produziras (poiései) (o nome)?

No *Crátilo*, ele pergunta sobre a produção de palavras (387c) e sobre o poder do lógos (408a):

...Não é se regrando pelos atos (tá prágmata-coisas feitas) que as coisas têm, naturalmente, o dizer e o serem ditas, que se tem êxito para falar, sem o que não se produzirá (poiései) e nada será posto (oudén poiései)?...

...é sobre a potência do lógos que toda essa edificação (ou atividade construtora) (pragmatéia) se relaciona....

No *Philebo* (14c), diz o filósofo sobre o princípio que produz o *lógos* articulado em sentenças, que ele é...aquilo que coloca os homens em obras (*prágmata*), quer ouçam, ou muitas e muitas vezes, não ouçam...

E finalmente, no *Banquete* (205c), ele diz sobre a produção de versos, ou seja, a poesia:

...Sabes que a poesia (*poiésis*) é algo múltiplo, pois toda causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é poesia (*poiésis*), de modo que todos os trabalhos (*ergasíai*) das técnicas são poesias (*poiéseis*), e todos os seus artesãos (*demiurgoí*), (são) poetas (*poietaí*)...

Há uma clara intersecção de *pragma* com *práxis* e *poiésis*, esta última afeita ao campo da *téchne*. O ir e vir dos homens na cidade, suas *práxeis*, suas condutas, podem implicar, também, seus exercícios para feitura de algo formando o campo das *prágmata*, das coisas feitas, das obras, dos atos efetivados que buscam o melhor modo de resolver problemas imediatos. O *pragmatikós* é o que concerne à ação eficaz, e o *pragma* está nele pressuposto: dele se infere uma situação anterior de embaraço e de busca de resolução do embaraço, daí Aristóteles usar *pragmatikós* como pertinente ao cumprimento de tarefas públicas [na *Política*, V, 6] sempre exigentes de soluções. Ora, não se diz que é *pragma* votar na assembléia, mas que é uma *práxis*, uma atividade, pois que não há processo técnico na *práxis*.

Aos poucos, *práxis* vai-se delineando na linguagem com um significado mais próximo ao campo dos valores ético-políticos, pertinente às ações públicas e mais gerais dos homens, enquanto que *pragma* vai aderindo mais ao campo do fazer produtivo, que implica a técnica, por ser um ato que deve apresentar resultados anteriormente pensados e metodizados. Se o homem age sem que a ação esteja fundada nesse tipo de processo metódico, ele terá *práxis* e não *pragma*, uma diferença sutil mas possível de encontrar-se nos textos<sup>2</sup>.

Aristóteles, por exemplo, na *Metafísica A* (livro I), designa um bom médico como homem de experiência (*empeiría*) e diz que uma experiência

---

2. Não é impertinente que voltemos o olhar para o atual modo de fazer-se "política" ou de ser um "político" no cumprimento de seu mandato: a cada vez mais é exigida uma técnica no agir dos representantes do povo, um saber sobre os processos legislativos que transcende o campo propriamente ético-político. A *práxis* se apequena. Maquiavel continua tendo razão em certas passagens de *O Príncipe*.

se faz de muitas recordações dos próprios atos, ou obras (*pollai mnémai tou autou pragmatos*). A experiência, continua ele, faz a *téchne* [Met. A, 981 a]. Nesse sentido é que dizemos, hoje, que o dentista é um prático, que há uma prática médica, como diziam os romanos ao se referirem aos advogados e juizes. São, na linguagem grega, *pragmatikós*, aqueles que agem pragmaticamente, isto é, aprendem com a repetição da experiência uma *pragmatéia* e podem obter um bom resultado. São, portanto, *technikós*, sentido que não se aplica diretamente à *práxis* ético-política.

A *práxis*, que acaba por adquirir um sentido mais específico, afeito às condutas dos homens na cidade, caminha a par e passo com *pragma* como obra proveniente de um embaraço solucionado. Claro está que não é impossível pensar as interseções entre *práxis* e *pragma* nas ações ético-políticas, uma vez que o homem forma o *éthos* com todas as suas formas de agir, questão ampla que deixo em aberto.

#### 4. O HOMEM PRAGMÁTICO

Emerge, assim, o homem pragmático como uma espécie de Hércules de muitas tarefas ou de um Odisseu astucioso; afigura-se como um mágico solucionador de problemas num período que dele necessita. O *pragmatikós* não deixa de ser um *polimétis*, um ser de muitos ardis, como diria um grego de Odisseu, herói que sempre fabrica um processo para obter saídas aos embaraços que os acontecimentos lhe trazem. Já o homem da *práxis* não apresenta resultados provenientes de processos produtivos. Se a *práxis* guarda referência ao campo ético-político, este não exige mais que a atenção reflexiva diante do que acontece e a capacidade de deliberação. Já a fabricação de soluções para problemas é um outro tipo de força humana, capaz de dirigir-se para a obtenção de algo pré-visível. Se quero fabricar um sapato, penso a forma do sapato de antemão, tenho a matéria na qual vou exercer minha sabedoria como sapateiro – o couro – e devo trabalhar usando de minhas habilidades para atingir um bom produto final. É essa a lógica processual que está não só na fabricação de um edifício ou de uma escultura, mas num teorema ou num discurso.

Se a matéria do teorema e do discurso são mais abstratas, isso não é impeditivo para que Platão, por exemplo, venha a pensá-las como pertinentes ao campo técnico, como ele afirma ser a Retórica. Sendo o pensamento técnico, diz Platão, fundamentalmente mimético e utilitário, tem um escopo e tenta buscá-lo usando de instrumentos. Esse pensar técnico, solo das *prágmata*, é de absoluta importância, funda a sobrevivência humana e constrói parte do *éthos*. Lembremo-nos que Prometeu, ao roubar o fogo de

Zeus, deu aos homens esse tipo de pensamento, o técnico, para que não morressem. Trata-se, então, de refletir sobre o seu valor em relação com os outros tipos de saber.

Para concluir, temos um problema muito atual, e não de pequeno vulto, quando pensamos que a *práxis*, voltada ao ético-político, pode estar sob uma força maior que é da atividade técnico-pragmática (cf. adiantado na nota anterior), uma vez que as necessidades humanas que buscam soluções são prioritárias no cotidiano. De um lado, o homem fabricante é impulsionado para a fabricação pelo próprio *éthos* que assim se estruturou, exigente de produtos; de outro lado, as coisas fabricadas modificam nosso modo de viver e transformam nosso *éthos*. Essa recorrência mereceu o estudo de alguns filósofos atuais, pois, como se sabe, a atividade técnica vem determinando a instância ético-política porque, historicamente, tornou-se o campo mais forte do *éthos*<sup>3</sup>.

Se assim for, tem-se uma inversão do pensar filosófico grego para quem a teoria é a força maior que contempla o agir dos homens para melhor informá-los sobre eles mesmos, suas práticas e seus produtos. Em outras palavras: se os homens passam a necessitar das coisas fabricadas num grau extremo, perdendo com isso os fins últimos da *práxis*, ele não só enfraquece a vida teórica mas, e principalmente, a possibilidade de modificar seu *éthos*, de mover a sua história à falta da força de uma atividade ético-política transformadora, pois que o *pragmatikós*, por sua própria natureza, tende à circularidade. As *pragmata*, os atos eficazes, tendem a configurar a essência desse *éthos* aparentemente pouco móvel.

Desse modo, o prever e resolver problemas, o que concerne ao *pragmatikós*, passa a ser algo substancialmente repetitivo, na medida em que a técnica domina o perguntar humano sobre a própria vida. Parece ser o que ocorre. As perguntas que fazemos são sempre utilitárias, sempre relativas a uma circularidade que insiste na causa e efeito porque somos exigentes das *pragmata*. E em sendo repetitivo o modo de desejar, será repetitivo o modo de perguntar: movem-se circularmente o teórico, o ético e o político. Essa é uma das perspectivas para se pensar o atual problema entre Ética, Política e Técnica – que não é o caso de avançar nessa ocasião, apenas marcá-lo.

Finalizando, o que perguntaria uma razão técnico-pragmática a um antigo filósofo grego? Poderia perguntar por que ele se coloca numa

---

3. Leia-se a respeito a cuidadosa exposição de H. Lima Vaz in *Ética II* (ed. Loyola).

postura 'fora da realidade', na metafísica, por exemplo, quando a realidade necessita de perguntas e soluções cabíveis. Mas, o que um filósofo grego perguntaria a um filósofo pragmático? Poderia perguntar sobre a extensão da noção de 'realidade', e por que não usar a potência que se tem para pensar além das causas, efeitos e soluções úteis e voltar-se mais aos fins últimos, nem sempre tão úteis. Se o homem tem parte de sua natureza em abertura, ele não é somente um demiurgo – e é bom que seja – mas está incompletíssimo na sua potencialidade. Talvez os antigos gregos dissessem isso a nós, modernos.

Se há tarefas que não se completam, há perguntas que não se consegue fazer, assim como há perguntas feitas que não se consegue responder. A vida, diriam os filósofos gregos, nos ultrapassa, e certamente as construções operativas têm sua virtude própria; o erro não está em buscá-las e construí-las, mas em expandi-las além dos limites em que elas mesmas podem operar. Tomar parte da vida como sendo ela inteira é um erro lógico. Nosso ideário tem as cores e a figura da demiurgia: somos aquele Odisseu que é capaz de afirmar-se como interioridade, capaz de construir as causas e prever os efeitos para favorecer a vida imediata que ele mesmo cria, mas que pode perder-se na própria criação, tão entretido se encontra ao refletir-se no seu próprio poder.

Se ainda ressoa algo das palavras de Eurípidés a nós, modernos, eis as últimas linhas de sua bela fabricação, a tragédia *Medéia* (vv. 1390):

... Muitas são as formas dos Numes  
muitos os inesperados atos dos deuses...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*, ed. Hachette, 1950.

CHAINTRAINE P. *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*, Paris, ed. Klincksieck, 1984.

GAZOLLA, R., *O Ofício do Filósofo Estóico...*, ed. Loyola, São Paulo, 1999.